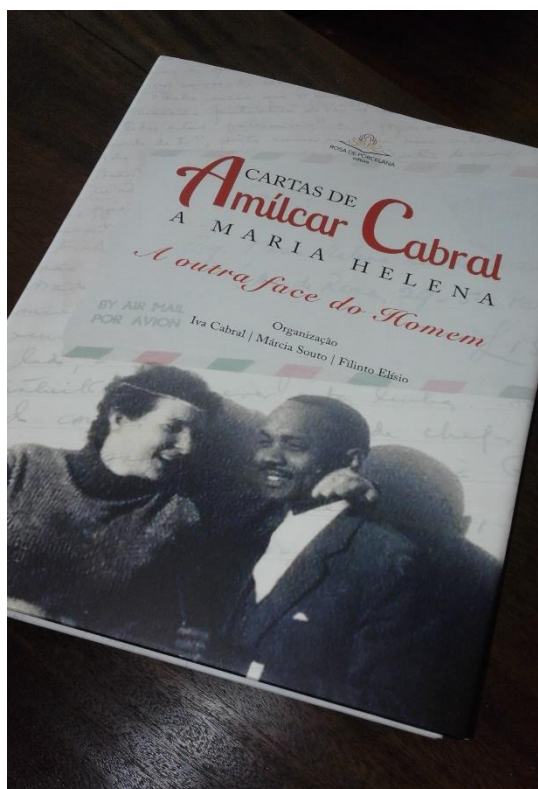


“Amílcar” e “Lena” – A fortuna teórica, documental e literária de uma história de amor em carta.

Ana T. Rocha

Através do livro *Cartas de Amílcar Cabral a Maria Helena. A outra face do Homem*, publicado em janeiro passado, a editora Rosa de Porcelana permite-nos o contacto com o lado íntimo de um dos mais importantes líderes revolucionários e intelectuais africanos, numa belíssima e cuidada edição, onde cada carta transcrita surge acompanhada da imagem do original.

Escritas entre 1946 e 1960, as cartas, reunidas e seleccionadas pelos organizadores Iva Cabral, Márcia Souto e Filinto Elísio, acompanham a relação de “Amílcar” e “Lena” desde os anos de formação de ambos em engenharia agronómica, no Instituto Superior de Agronomia, em Lisboa, até aos inícios do PAIGC.



As cartas são de amor – um amor que não termina na relação entre os dois, mas que se estende e projeta para a humanidade -, e são, também, cartas onde a partilha entre ambos, promovida por esse sentimento principal, permite o debate de temas como o racismo (assunto impulsionado pelos comentários dos próximos de Maria Helena em relação à sua escolha amorosa), a política, a História de África (por exemplo, na carta em que Cabral admite dar uma “injeção” de África do Sul a “Lena”, consciencializando a namorada para a situação de África e para a História do Homem Negro), a literatura (como na carta repleta de transcrições de passagens de Jorge

Amado), entre outros tópicos, que Amílcar vai tecendo com uma linguagem cuidada pelo próprio – sempre atento à sua escrita e até à escrita de Maria Helena, cuja simplicidade e honestidade aprecia – culminando, por isso, algumas cartas em autênticas teses e peças

literárias. Neste sentido, importa-me salientar a carta de 20/8/48, cujo sentimento e a linguagem que o transpõem a tornam a mais séria carta presente em todo o livro, a mais trágica e, ao mesmo tempo, a mais comovente e literariamente bela. Noutro campo, o filosófico, a carta escrita a 6/4/50 e que desenvolve toda uma tese acerca dos vários tipos de morte (existencial) do indivíduo, revela já o teórico com influência da fenomenologia e do humanismo marxista.

Além das cartas assinadas por Amílcar, o livro contém fotos e cinco poemas “amilcarianos” (para usar uma expressão do próprio, [p.64]), quatro dos quais inspirados em Maria Helena e um dedicado à mãe; todos num estilo revelador de leituras de poetas portugueses, desde Camões (apontado em epígrafe do poema “Maria Helena Ataíde Vilhena Rodrigues”, que figura na página do Livro de Curso a ela correspondente) até aos românticos.

Tal como afirmam os assinantes dos paratextos que antecedem as cartas, assinados por Márcia Souto, Filinto Elísio, Pedro Pires, Inocência Mata e Carlos Lopes, a publicação das cartas interessa pelo conhecimento mais completo desta importante figura da História Africana, mas, de igual modo, pelo valor das cartas em si, quer a nível literário, quer documental e filosófico.